



Uma vida inspiradora: o engajamento e o legado de Elza Lobo nos movimentos sociais e humanitários

Claudia Vieira Carnevalle*

Ao comemorarmos três décadas e meia de existência do Sistema Único de Saúde (SUS), é imprescindível reconhecer o impacto provocado pela professora Elza Lobo na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP), bem como em todos os espaços que percorreu durante sua valorosa trajetória humanitária. Seu legado reitera seu irredutível compromisso com a edificação de um SUS resiliente e abrangente, ao longo de uma jornada inquebrantável de engajamento ativo e assentado na ideia de educação abrangente e na defesa apaixonada de todos os cidadãos.

A professora é uma figura de destaque na SES-SP pela brilhante atuação na implantação da Ouvidoria, assim como no Conselho Estadual de Saúde de São Paulo, em que desempenhou um papel de extrema relevância em diversas áreas da saúde, sempre com foco no bem-estar e na melhoria da qualidade de vida da população. Sua atuação incansável, seu conhecimento profundo e seu comprometimento com a consolidação do sistema de saúde a tornam uma referência inquestionável no cenário estadual.

Nascida na capital paulista, em 1937, no início do Estado Novo – último momento da Era Vargas, que se estendeu até 1945 –, começou sua participação na política pelo Centro Acadêmico da Faculdade Cásper

Líbero e no Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde se graduou em jornalismo. Também fez parte do Grupo de Promoção Humana, que se envolveu em atividades educacionais e de saúde em Presidente Altino, quando ainda era um bairro periférico da cidade de Osasco, na Grande São Paulo. Essas ações ocorreram junto ao “postinho de saúde” da Igreja local, liderada pelo Padre Comaru.

Como militante da Ação Popular (AP), grupo criado no início dos anos 1960 por quadros políticos progressistas ligados à Juventude Universitária Católica (JUC), envolveu-se em cursos de capacitação de monitores para trabalhar com comunidades urbanas e rurais em várias cidades, adotando a metodologia freiriana. Elza Lobo também participou de atividades culturais promovidas pelo Centro Dom Vital, localizado no centro da cidade de São Paulo, que também abrigava o Movimento de Alfabetização de Adultos, vinculado ao Movimento de Cultura Popular (MCP), criado em 1961 por um grupo de intelectuais e artistas pernambucanos, que incluía Paulo Freire. O MCP preparava monitores envolvidos na Campanha Nacional de Alfabetização, com apoio da União Estadual dos Estudantes (UEE) e da União Nacional dos Estudantes (UNE).

No final de 1964, a professora integrou o grupo que, em colaboração com membros das Faculdades de Educação e de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), organizou a “Operação Ubatuba”. Com apoio da *Folha de S. Paulo*, da prefeitura local e da Associação Cristã de Moços, essa iniciativa alfabetizava

* Graduação em psicologia, mestrado em saúde coletiva pela Santa Casa de São Paulo; pós-graduação em violência na saúde (ENSP/Fiocruz) e em psicodrama pedagógico (Faculdade Padre Anchieta); doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Coordenadoria de Controle de Doenças (CCD/SES-SP). Docente e pesquisadora na Universidade São Judas – ÂNIMA na área de psicologia e saúde pública; curadora da Core Currículum – Saúde Integral e Ampliação da Consciência e Subjetividade e Modernidade; consultora de projetos sociais nos temas de prevenção de violências e promoção da cultura de paz. Servidora pública estadual há 26 anos, na área de gestão em saúde pública; atualmente é diretora técnica de saúde III, do Grupo de Planejamento e Avaliação da CCD/SES-SP

caixaras do Litoral Norte paulista. Essa ação redundaria na fundação do MOVA (Movimento de Alfabetização).

No ano seguinte ajudou a fundar o Teatro Universidade Católica de São Paulo (TUCA), com a encenação de *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Em 1966, a peça arrebatou o 1º Prêmio no Festival Mundial de Teatro Universitário, realizado em Nancy (França). Entre 1966 e 1968, a professora se envolveu com grupos de teatro popular em várias cidades, acumulando experiências com comunidades marginalizadas.

Em 10 de novembro de 1969, foi presa por “terrorismo” e subversão. Sob a repressão, sofreu torturas e ficou na prisão até 1971, quando partiu para o exílio. Durante seu tempo fora do país, trabalhou no Comitê Coordenador de Serviço Voluntário Internacional (CCSVI), ligado à Unesco, em diferentes nações latino-americanas, sempre focada em educação e saúde para as comunidades mais vulneráveis de Argentina, Peru, Chile, Equador, Venezuela, Bolívia e Panamá. Sua ação articulava o pensamento freiriano, em especial a pedagogia do oprimido e a comunicação popular, abordando questões de gênero, raça e etnia. A professora valorizava o saber popular e buscava constantemente formas de tornar o conhecimento científico acessível às comunidades.

Após retornar ao Brasil, em 1979, no lastro da anistia política, trabalhou como assessora de relações educacionais e de trabalho no grupo. Lecionou na pós-graduação na PUC-SP, onde organizou cursos de metodologia e prática de educação popular, com base em suas experiências na América Latina.

Na década de 1980, participou de avaliações de projetos como o Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento (PIASS), no Nordeste, e de urbanização de favelas, em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Até 1984 contribuiu ativamente na organização dos Encontros de Movimentos Populares de Saúde em diferentes estados, construindo demandas que seriam levadas à 8ª Conferência Nacional de Saúde; e participou da Campanha Diretas Já, marco do processo de redemocratização do país. Em 1985, no 2º Congresso Brasileiro de Cuidados Primários e Pediatria

Comunitária, em contato com grupos de diversas regiões do país, acabou participando da organização de encontros sobre mortalidade infantil e materna.

Mais tarde, integrou o Núcleo de Educação e Saúde do Instituto de Saúde (IS/SES-SP) e conduziu atividades em encontros sobre pesquisa social em saúde, ministrando cursos de capacitação para profissionais da saúde coletiva. Também acompanhou reuniões científicas relacionadas a métodos e teorias de interesse para o campo. Nessa perspectiva, entre 1986 e 1992, participou de diversas atividades técnicas e científicas internacionais em atenção primária à saúde e medicina social – como o seminário e a jornada sobre atenção primária à saúde (APS), realizados em Havana e Buenos Aires.

Em 1991, ajudou a organizar o ato “Um grito contra a miséria”, que envolveu artistas, intelectuais e políticos e deu origem ao Movimento de Ação pela Cidadania contra a Fome e a Miséria, liderado pelo sociólogo Herbert José de Souza, o Betinho. Desempenhou um papel ativo na preparação da ECO-92¹, por meio da Rede Mulher, coordenando diferentes atividades e contribuindo para a inclusão de grupos infantis de teatro e música no desfile de abertura das atividades da conferência.

Integrou a Rede de Investigação em Sistemas e Serviços de Saúde do Cone Sul, sediada na Fiocruz e apoiada pelo IDRC do Canadá, coordenando projetos de pesquisa no Brasil e participando de reuniões nos países do Cone Sul. Além de seu trabalho acadêmico, organizou encontros com parteiras em Pernambuco e Maranhão e com quebradeiras de coco no Tocantins, visando a sustentabilidade. Promoveu discussões sobre responsabilidade na conservação da vida e garantia de direitos em saúde em diferentes regiões rurais e urbanas do Brasil, como Belém, Santarém, Goiânia, Cuiabá, Feira de Santana, Salvador e Recife. Apoiou comitês de solidariedade em prol de grupos

¹ Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada na cidade do Rio de Janeiro, que reuniu chefes de Estado e representantes de 179 países, organismos internacionais, milhares de organizações não governamentais e participação direta da população. Também chamada de Cúpula da Terra, a ECO-92 foi um marco nas discussões sobre a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. Veja mais em <https://brasile scola.uol.com.br/geografia/eco-92.htm>.

marginalizados (negros, mulheres, índios, remanescentes de quilombos, camponeses, sem-terra, imigrantes e perseguidos políticos). Sua trajetória é marcada pelo pluralismo e pela crença na capacidade transformadora do ser humano. Nessa perspectiva, o internacionalismo foi uma característica importante em sua vida, marcada pelo apoio e carinho a militantes políticos em diferentes países latino-americanos e europeus.

Foi ela, também, quem criou as salas de leitura em hospitais públicos, por meio do projeto “Leia Comigo”. Realizado em parceria com as secretarias estaduais de Cultura e de Assistência Penitenciária, o projeto foi lançado em 2004.

Ao longo de sua carreira, a professora Elza Lobo tem se destacado pela expertise em políticas públicas de saúde, capacidade de articulação de diversos setores da sociedade e defesa incansável da saúde pública de qualidade e acessível a todos. Sua contribuição é valiosa não apenas em termos de conhecimento técnico, mas também pela habilidade em sensibilizar e mobilizar pessoas sobre a importância de uma saúde eficiente e justa.

Em 1996, no escopo da II Conferência Estadual de Saúde, com vistas à melhoria dos serviços, recomendou a regulamentação de dispositivos do Código de Saúde paulista. A partir de um grupo de trabalho coordenado por ela, foi desenvolvido um estudo para implementar a Ouvidoria do SUS, como canal de defesa dos direitos dos cidadãos. A iniciativa pioneira impulsionou a instalação de ouvidorias em todas as unidades de saúde do estado. Nesse caso, é importante lembrar que sua abordagem rejeita a ideia de saúde como mercadoria e enfatiza os direitos constitucionais, expressos principalmente no Artigo 5º da Carta Magna, que dispõe sobre as interações entre saúde, cidadãos e serviços. Por isso, a Ouvidoria Geral do SUS-SP, ancorada na noção de gestão participativa, permite aos usuários cidadãos se expressarem livremente, ao mesmo tempo em que se constitui como instância de controle da administração pública, diferenciando-se das instâncias legais e econômicas. Ela não tem poder coator, mas critica, aconselha e sugere, visando à transparência. Também identifica

críticas e reclamações sobre os serviços de saúde do SUS paulista, encaminhando-as aos responsáveis e acompanhando as medidas tomadas.

É importante dizer que a Ouvidoria foi antecedida pela Comissão de Auditoria, criada após a constatação de cobranças irregulares no SUS por parte de instituições privadas, o que levou à instalação do DISQUE-SUS, que é o canal pelo qual a população pode denunciar violações de direitos dos usuários do sistema público de saúde. A SES-SP, que segue as leis que regulamentam o SUS, está constantemente atenta ao cumprimento da gratuidade do sistema, proibindo quaisquer tipos de cobranças extras feitas por instituições privadas credenciadas. Assim, o DISQUE-SUS atua como *ombudsman* do SUS, seguindo os preceitos constitucionais de livre manifestação do pensamento e acesso à informação, bem como o Código de Saúde do estado de São Paulo, que se baseia na transparência, no controle social e na qualidade. Elogios, em que se destacam a assistência completa prestada pelo SUS, em comparação com seguros privados limitados, também são recebidos.

Ao promover o acesso universal, integral e equânime à saúde, o SUS é um dos pilares mais importantes do sistema de proteção social no Brasil. Essa conquista não seria possível sem a participação ativa da sociedade em sua construção e aprimoramento contínuo. A Lei nº 8.142, de 1990, regula a participação da comunidade na gestão do sistema, bem como o controle de seus recursos. Isso ocorre por meio de instâncias como as conferências e os conselhos de saúde. Nesse segmento, a professora Elza Lobo é uma figura de destaque. No Conselho Estadual de Saúde de São Paulo (CES-SP) sua atuação incansável, seu conhecimento profundo e seu comprometimento com a melhoria do SUS a levaram ao cargo de secretária executiva, o que a tornou uma referência incontestável no cenário paulista.

Expressando grande diversidade de interesses e perspectivas relacionadas à saúde – é integrado por representantes do governo, dos trabalhadores da saúde e usuários do SUS – o CES-SP é um fórum de discussão democrática, no qual são tomadas

decisões que influenciam diretamente o funcionamento e a qualidade do SUS no nível estadual. Nessa perspectiva, se destaca como um instrumento crucial para a efetiva participação popular, permitindo que as vozes dos cidadãos sejam ouvidas e incorporadas às políticas públicas de saúde. Garantindo a inclusão de diversos setores na tomada de decisões e no controle em todos os níveis de governo no âmbito estadual, o conselho é a instância fundamental para garantir a construção, a avaliação e o aprimoramento das políticas de saúde. Já as Conferências de Saúde são um dos pilares do trabalho do conselho. Esses eventos periódicos reúnem representantes de diversos segmentos da sociedade para discutir, avaliar e propor diretrizes para o setor. São momentos de diálogo e participação ativa da comunidade. A presença da professora Elza Lobo no CES-SP representa uma voz firme e embasada, capaz de influenciar decisões importantes e propor iniciativas para aprimorar o SUS. Seu compromisso com a participação ativa da comunidade, a defesa dos direitos dos usuários e a busca por soluções inovadoras foram e ainda são fundamentais para o desenvolvimento de políticas que atendam às reais necessidades dos usuários do SUS.

A trajetória e a dedicação da professora inspiram não apenas os membros do CES-SP, mas também todos os profissionais e cidadãos que se preocupam com a construção de um sistema de saúde mais justo e eficiente em São Paulo. Sua influência e liderança são fundamentais para a promoção de mudanças positivas e para a construção de um futuro em que a saúde seja de fato um direito de todos, com excelência e responsabilidade.

A participação social no CES-SP é vital por várias razões. Além de garantir a transparência das políticas de saúde, permite que a sociedade acompanhe de perto o processo de tomada de decisões, uma vez que assegura que as ações do governo estejam alinhadas com as demandas dos usuários, evitando desvios e abusos. Além disso, o conselho é um mecanismo de controle social na medida em que fiscaliza a aplicação dos recursos e a eficácia

dos programas de saúde. Isso contribui para o uso eficiente dos recursos públicos e ajuda a identificar áreas que precisam de melhorias. Para garantir a representatividade do conselho é fundamental considerar a diversidade da população. Só assim, diferentes grupos, como de idosos, crianças, pessoas com deficiência, indígenas e quilombolas, entre outros, têm suas vozes ouvidas, assegurando que o SUS seja verdadeiramente inclusivo. Sua atuação extrapola o nível estadual, pois suas decisões podem influenciar políticas de nível nacional. Isso destaca ainda mais a composição democrática e o compromisso de seus membros com o bem-estar da sociedade.

Um exemplo notável de participação do CES-SP foi a 8ª Conferência Estadual de Saúde, realizada em 2011, quando foram discutidos temas relevantes para a saúde paulista, incluindo a organização dos serviços, a atenção primária, a promoção da saúde e a gestão do SUS. O evento resultou em importantes diretrizes que influenciaram as políticas de saúde em São Paulo. Assim, os conselhos são um exemplo vivo da democracia participativa brasileira, na medida em que permitem que a sociedade exerça seu papel de cogestora do sistema de saúde.

Destacada a importância nessas instâncias de participação social, o SUS São Paulo tem na figura da professora Elza Lobo um farol de comprometimento e dedicação. Sua trajetória, destacadamente à frente da Ouvidoria do SUS e do Conselho Estadual de Saúde, é notável porque representa um elo vital entre a população e o sistema de saúde. Como líder do CES-SP, ela personificou a voz do povo, servindo como intermediária entre a comunidade e as políticas de saúde implementadas. No projeto da Ouvidoria, abriu um canal direto para os cidadãos expressarem suas preocupações, reclamações e sugestões sobre o Sistema Único de Saúde. Sua atuação incansável resultou em aprimoramentos nos serviços, na detecção de irregularidades e no estabelecimento de mecanismos para corrigir problemas, um farol de *accountability* que garante à administração pública transparência, responsabilidade e sensibilidade para as necessidades da população.

Na celebração dos 35 anos do SUS, sua importância transcende as esferas administrativas e se estende profundamente para a vida dos cidadãos e das cidadãs paulistas. Seu compromisso com a melhoria da saúde pública, sua defesa da participação cidadã e sua habilidade em traduzir as demandas sociais em políticas eficazes a tornam uma inspiração para todos aqueles que acreditam na construção de um sistema de saúde mais justo e inclusivo. Sua atuação notável em áreas tão

sensíveis ao SUS ilumina o caminho para um futuro, em que a voz do povo será ouvida e respeitada, contribuindo para um sistema de saúde mais humano e eficiente^{II}.

II Agradecimentos: À família afetuosa da professora Elza Lobo, representada por seu irmão Luiz Roberto Ferreira e sua esposa Eloide Castro Moreira Ferreira Lobo, que generosamente compartilharam parte do acervo que registra sua trajetória, enriquecendo sobremaneira este ensaio. Além disso, é importante destacar a figura da estimada Maria Palmira Moura Martins, profissional do CES da SES/SP que trabalhou durante uma década ao lado da professora Elza. Maria Palmira continua a honrar a amizade e a admiração que nutre por ela, fortalecendo ainda mais os laços que as unem.